

LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA

Data de aceite: 05/02/2025

Áurea Maria Brandão Santos
Instituto Federal do Maranhão – IFMA
São Luís - Maranhão

RESUMO: O presente artigo discute um tema que vem sendo amplamente debatido por estudiosos da área da Educação e das Ciências Linguísticas e diz respeito às necessidades de compreender as práticas sociais de leitura e escrita e suas implicações na sociedade. Com base em um detalhado levantamento bibliográfico são apresentadas algumas formulações e reformulações acerca do letramento. A fundamentação teórica da pesquisa dá-se no trabalho de importantes pesquisadores da área entre eles, Soares (2004, 2010), Kleiman (2005, 2007, 2008, 2009), Street (1984, 2003). Os New Literacies, no Brasil denominado como Estudos de Letramento adotam uma abordagem em sala de aula voltada para uma aprendizagem significativa, contextualizada, que legitime a diversidade de linguagens, contextos e culturas. Frente ao propósito de destacar a importância da mediação nos processos de ensino e aprendizagem, em especial, no ensino da língua, o artigo faz uma conexão

com os estudos de Gordon Wells (2001, 2015) sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e a aprendizagem semiótica. O objetivo é que dessa forma sejam ressaltadas as contribuições que esses estudos podem trazer para a prática educativa, para a formação de cidadãos e ainda, enfatizar que esses benefícios estão associados à importância de mudar perspectivas e posturas.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Multiletramentos; aprendizagem semiótica.

INTRODUÇÃO

O conceito de letramento nasceu vinculado à vida em sociedade e à cidadania, e por consequência da necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e escrita mais complexas. Em meados dos anos 80, uma inquietação sobre como analisar de forma mais criteriosa essas práticas menos convencionais aconteceu simultaneamente em diferentes países do mundo, entre os quais as diferenças sociais, econômicas e culturais são grandiosas. No Brasil, ocorreu como letramento, na França como

illettrisme, em Portugal como *literacia*, e nos Estados Unidos e Inglaterra como *literacy* (SOARES, 2004a). E aos poucos, foi adquirindo o estatuto de termo técnico entre os especialistas da área da Educação e das Ciências Linguísticas (SANTOS, 2017).

Gradativamente, os estudos sobre letramentos foram se expandindo no Brasil e o trabalho dos pesquisadores foi fundamental para que fossem criadas novas reformulações do conceito e de seus desdobramentos nas práticas de ensino. Os estudos sobre letramentos e a Pedagogia de multiletramentos propõem ao professor de línguas refazer-se em um novo profissional, que abandone a postura de guardião da língua e se mostre como um agente de letramento. Entretanto, é preciso ponderar que tais mudanças estabelecem um paradoxo extremo com as práticas tradicionais enraizadas nos currículos escolares e também na academia, onde ocorre a formação de professores (BALTAR, 2010). Constata-se assim, a importância da continuidade do desenvolvimento de pesquisas e da divulgação de trabalhos focados nesses temas, tendo em vista que esse conhecimento precisa se tornar prática no cotidiano de professores e alunos.

Refletindo sobre o papel do agente de letramento, e conseqüentemente, sobre questões de aprendizagem, o artigo faz uma conexão com os estudos do professor americano Gordon Wells, o qual apresenta uma ampla pesquisa sobre a teoria da atividade histórico cultural, tendo apresentado reconsiderações pontuais sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), uma das questões de maior destaque na teoria de Lev Vygotsky. Essa conexão se estabeleceu pelos objetivos em comum que as diferentes teorias compartilham - o de valorizar a cultura e o contexto dos envolvidos nos processos de aprendizagem; e o de gerar meios para tornar a aprendizagem significativa

Para Guedes (1997), um dos grandes desafios dos processos de aprendizagem, em particular, ao ensino de línguas, é apresentar propostas que integrem as práticas de ensino à cidadania, que favoreça aos diferentes estudantes, em suas particularidades e aspectos contextuais, a sua participação em práticas sociais letradas. Contudo, embora as dificuldades existam, a motivação individual dos sujeitos é muito valiosa e pode certamente contribuir em prol das mudanças necessárias. A experiência na escola que é a: “agência de letramento por excelência de nossa sociedade” (Kleiman, 2007), tem me conduzido a uma tomada de consciência sobre a necessidade e responsabilidade de atuar como um agente de letramento. Frente a isso, apresenta-se um apanhado dos Estudos de Letramentos e Multiletramentos e de pesquisas sobre mediação e aprendizagem de Gordon Wells, por ver neles um caminho para a construção de conhecimento e por acreditar que representam um parâmetro para novas possibilidades.

LETRAMENTOS: CONCEITOS E PRÁTICAS

O termo letramento é uma tradução de *literacy* que é a junção de *littera* (que vem do latim e significa letra) com o sufixo – *cy* (que indica condição, estado de ser). Assim, *literacy*

corresponde ao estado de quem lê e escreve. Letramento, portanto, corresponde à união da palavra *letrado* e do sufixo *mento* (resultado de uma ação), o que corresponde ao estado ou condição adquirida por um indivíduo ou por uma comunidade, ao ter se apropriado da escrita, e os impactos que o domínio dessas habilidades atreladas a esse conceito estão todas as consequências que o domínio dessas habilidades traz para a vida social das pessoas nas diferentes situações sociocomunicativas que ele participa. Segundo Magda Soares (2010):

(...) o aprender a ler e a escrever – alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a tecnologia do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita – tem consequências sobre o indivíduo, e altera o seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafa tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O “estado” ou a “condição” que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças é que é designado *literacy* (SOARES, 2010, p. 18).

Nos meios acadêmicos o conceito de letramento foi usado para distinguir os impactos sociais da escrita dos estudos de alfabetização. Kleiman (2007) afirma que o estudo sobre o fenômeno letramento no Brasil se instaurou como a vertente que conseguiu associar o interesse teórico sobre o problema com a busca de respostas e soluções. Tais respostas e soluções estão voltadas às populações que são socialmente excluídas por não dominarem as tecnologias de leitura e escrita.

Ao propor uma nova abordagem sobre letramento, esses estudos preocuparam-se em contemplar aspectos antes negligenciados, que passaram a ser requisitos para a compreensão das práticas sociais de leitura e escrita em diferentes contextos na contemporaneidade. Os elementos históricos, culturais, sociais e econômicos que fazem parte da história de um povo estão imbricados no desenvolvimento social do letramento, ou seja, das práticas de letramento de um determinado grupo social ou de uma comunidade. Kleiman (2008b) destaca que uma análise detalhada dos temas integrados ao letramento requer que sejam considerados dados e informações provenientes desde o processo de colonização brasileira e contemple fases históricas pontuais como a formação política do Estado, a construção de uma identidade nacional brasileira, a elitização da língua, o uso da língua com instrumento de dominação até a dinamização do uso da língua nos tempos atuais.

Uma das definições mais difundidas de letramento é apresentada por Kleiman (2008b, p. 20), que o define como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” Esse conceito é ao mesmo tempo uma forma de representar e de defender a ideia de que não há um modelo ideal de letramento que merece ser legitimado sem questionamentos e sem levar em conta especificidades. Para Oliveira (2009), enxergar o letramento como algo

‘singular’ é esquecer que a vida social é permeada por linguagem de múltiplas formas e destinada a diferentes usos”. Diante da multiplicidade de textos presentes na sociedade e do surgimento constante de novas formas de uso da língua é que erigem os ‘*New Literacies Studies*’, no Brasil, os ‘Estudos de Letramento’. A proposta desses estudos é observar os letramentos como práticas sociais que só podem compreendidas em seus contextos sociais e históricos, pois: “os letramentos são influenciados diretamente pelas relações de poder, são espelhos de representações ideológicas, são diretamente marcados por injunções políticas, econômicas e tecnológicas. (OLIVEIRA, 2009, p. 05).

Os *New Literacies Studies* (NLS) consolidaram-se nos anos 90 e trouxeram novos princípios e pressupostos teóricos para a análise do fenômeno do letramento, entre os quais, se destacam os dois modelos de letramento – letramento autônomo e letramento ideológico; e dois componentes básicos do letramento - os eventos de letramento e as práticas de letramento. Os modelos de letramento autônomo e ideológico e o conceito de práticas de letramento foram apresentados por Brian Street na obra *Literacy in theory and practice* (1984), já o conceito evento de letramento foi proposto por Shirley Heath (1982; 1983). Os eventos de letramento são descritos como situações em que a língua escrita está integrada à natureza da interação entre os participantes (HEATH, 1982, APUD, SOARES, 2004) e as práticas de letramento definem-se como os comportamentos que os participantes exercem em eventos de letramento (STREET, 1995, APUD, SOARES, 2004).

E o que pode se entender por letramento autônomo e letramento ideológico? Street (2003) critica o que ele mesmo denomina como letramento autônomo. O autor questiona a eficiência dos modelos padronizados de letramento, que em si mesmos (portanto de forma autônoma), sejam capazes de possibilitar que analfabetos, marginalizados, pessoas socialmente desfavorecidas de diferentes classes, condições e posições sociais, melhorem suas habilidades cognitivas, e conseqüentemente, sua condição social. Um modelo universal que desconsidera as particularidades das culturas e dos contextos deve ser substituído por uma abordagem que envolva os múltiplos letramentos e as diferentes condições em que eles ocorrem. É preciso abandonar modelos de letramento que tem servido como meio de reforçar o poder dos grupos dominantes e a marginalização dos grupos minoritários ou socialmente excluídos.

O modelo de letramento autônomo é para Street (2003, p.02), uma imposição das concepções ocidentais de letramento, e em certos casos, dentro de um mesmo país, a imposição de uma única classe ou grupo cultural sobre os outros. O modelo de letramento ideológico busca uma abordagem que reconheça e valorize as diferenças culturais das práticas de letramento e a suas variações entre os diferentes contextos. O modelo de letramento ideológico reúne premissas bem diversas às do letramento autônomo. Primeiramente, concebe o letramento como “uma prática social e não apenas como uma habilidade técnica e neutra que está sempre imbricada em princípios epistemológicos

socialmente construídos.”¹ Este modelo destaca o conhecimento, e entende que as formas pelas quais as pessoas abordam a leitura e a escrita carregam suas próprias concepções de conhecimento, identidade e existência. Além disso, as práticas de leitura e escrita estão diretamente relacionadas às práticas sociais e a aquisição de um determinado letramento estará sempre condicionada a contextos particulares.

Os Estudos de Letramento requerem uma perspectiva social da escrita, pela qual os eventos de letramento não se diferenciam de outras situações da vida social, são atividades coletivas com vários participantes que possuem diferentes saberes e os mobilizam conforme seus interesses próprios, e algumas vezes coletivamente. A concepção social da escrita quer abordar os mais diversos eventos de letramento, a partir de situações reais e relevantes para os sujeitos envolvidos e não apenas como forma de ter contato com determinado gênero textual. Os eventos de letramento buscam se conectar com a cidadania e com a vida em sociedade.

Os Novos Estudos de Letramento causaram impactos positivos no cenário de pesquisas sobre o tema e remodelaram as concepções sobre os letramentos, trazem uma proposta desafiadora que reflete sobre a existência de múltiplos letramentos e de suas relações com tempo, espaço e poder. Para Soares (2004b), esses estudos tornaram-se fundamentais para a análise do fenômeno do letramento e são imprescindíveis para orientar pesquisadores e estudiosos na observação de situações de uso social da língua escrita e identificação de características dessas situações em um contexto entrecortado por mudanças.

Os letramentos foram e são diretamente afetados pelas transformações tecnológicas da sociedade contemporânea, aos indivíduos são continuamente requeridas novas habilidades e estratégias para que possam se adaptar aos letramentos emergentes. A evolução tecnológica tem gerado ferramentas de grande utilidade nas situações de comunicação e a natureza dêitica do letramento suscitou novas significações sobre o que é ser letrado (OLIVEIRA, 2009). Atentos às transformações os caminhos do letramento vão seguindo novos rumos que percorram a multiplicidade e a variedade.

E COMO FAVORECER A APRENDIZAGEM A PARTIR DA VALORIZAÇÃO DOS DIFERENTES LETRAMENTOS?

Para o professor português Óscar Sousa (2003) as atividades de aprender e ensinar estão sempre muito próximas da experiência humana, aprendemos quando introduzimos alterações na nossa forma de pensar e agir, e ensinamos quando partilhamos como o outro, as experiências e saberes que adquirimos continuamente. Mesmo sendo permanentes em nossas vidas, ensinar e aprender são práticas complexas que tem despertado a atenção de pesquisadores de todas as áreas do saber. Há diversos estudos que se dedicam à

¹ "literacy is a social practice, not simply a technical and neutral skill; that it is always embedded in socially constructed epistemological principles". (Tradução nossa)

compreensão dos processos de aprendizagem, da forma como o ser humano processa o conhecimento e das formas melhores e mais adequadas de favorecer a aprendizagem. Este trabalho está a debater sobre Letramentos, o que está diretamente relacionado aos atos de ensinar e aprender e como a escola e os professores podem contribuir para o desenvolvimento humano e social dos alunos, possibilitando a apropriação das múltiplas linguagens.

A teoria de Lev Vygotsky com o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é um dos estudos de maior relevância acerca da questão da aprendizagem e tem influenciado o trabalho de diversos pesquisadores. Vygotsky se inquietou frente ao paradoxo de construção do conhecimento: ao mesmo tempo em que o conhecimento é individual e intransferível, a apropriação de conhecimento ocorre a partir da interação com outros indivíduos. A partir disso, formulou uma teoria concebendo que todos os processos psicológicos humanos se desenvolvem a partir de interações colaborativas, pela utilização de ferramentas culturais entre as quais a linguagem é a mais importante porque colabora para que o sujeito transforme o mundo em vez de adaptar-se passivamente a ele. A teoria versa ainda sobre o processo de desenvolvimento humano individual, afirmando que esse desenvolvimento acontece pelo ingresso numa cultura já existente, na qual o indivíduo vai se apropriando progressivamente de ferramentas materiais e psicológicas e dos modos de pensamento e ação que os indivíduos compartilham em atividades colaborativas, onde a atuação dos sujeitos mais experientes é determinante (WELLS, 2015).

No contexto de atividades colaborativas ou compartilhadas, é que Vygotsky trouxe a “metáfora da zona de desenvolvimento” (ZDP). A ZDP se refere a situações em que alguém não consegue executar uma atividade sozinho, fazendo-se necessário o auxílio de alguém mais experiente. Sobre a ZDP, Gordon Wells (2015, p. 04) diz que: “ao oferecer assistência relevante, na forma de sugestões ou de demonstração, o coparticipante mais experiente permite ao aprendiz ir além de si próprio assumindo a nova habilidade ou conhecimento e finalmente tornando-o seu”. A aprendizagem envolve um engajamento ativo com o mundo exterior e a participação ativa dos seres humanos em situações de interação e diálogo é fundamental para a aprendizagem.

O conceito de zona de desenvolvimento proximal é um dos conceitos básicos da teoria de Vygotsky e representa a diferença entre a capacidade de resolver problemas por si próprio ou com a ajuda de alguém. Isso representa a existência de uma “zona de desenvolvimento auto-suficiente” que abrange tudo que se é capaz de executar sem qualquer colaboração externa. A ZDP está relacionada às atividades em que se precisa da ajuda de alguém, que requerem o auxílio de um mediador. O papel de orientação/mediação pode ser feito por qualquer indivíduo com maior experiência e que já tenha desenvolvido a habilidade em questão, os pais, o professor ou os próprios colegas. O conceito de ZDP é relevante para todas as áreas do conhecimento e para todas as disciplinas do currículo escolar, sobretudo porque reconhece que a aprendizagem é de natureza social e faz

parte de um processo intermental e intramental. Os processos de aprendizagem geram desenvolvimento interno que só funcionam externamente, ou seja, quando se interage com outras pessoas em ambientes de convívio coletivo (VYGOTSKY, 2005).

Gomes e Maggi (2011, p. 80) destacam a ênfase que Vygotsky dá a linguagem nos processos de desenvolvimento das funções mentais, explicam que para Vygotsky “a experiência social veiculada pelos instrumentos, signos e símbolos alimenta e expande a experiência individual e reverte-se em benefícios para o desenvolvimento das aprendizagens em âmbito formal e não formal”. As pesquisadoras acrescentam que Vygotsky sugere que as práticas de ensino e aprendizagem de línguas devem considerar o contexto sociocultural dos alunos e utilizar os instrumentos disponíveis num dado contexto, para assim se tornarem significativas à realidade e necessidade dos alunos

O professor do Departamento de Educação da Universidade de Califórnia em Santa Cruz, Gordon Wells, tem se dedicado a pesquisar a teoria da atividade histórica cultural e as ideias seminais de Vygotsky, Bakhtin e Halliday. Wells (2001) sugere uma reinterpretação da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) afirmando que a ZDP se cria na interação entre sujeitos e coparticipantes de uma atividade, nela incluem-se os instrumentos disponíveis, as práticas selecionadas e ela está condicionada à natureza e à qualidade do processo de interação e a capacidade do estudante. Para Wells, há de se reconhecer que na atualidade, o ensino e a aprendizagem na ZDP não estão mais condicionados somente à interação face a face mediada pela fala, precisa-se levar em conta a gama de processos de mediação semiótica que tem desempenhado um papel importante no pensamento e na resolução de problemas, tanto no plano interpessoal como no intrapessoal, e também a variedade de maneiras existentes para favorecer a aprendizagem na ZDP. Para o autor, é fundamental ampliar o conjunto dos modos de mediação semiótica para que possam ser valorizadas outras fontes de ajuda na ZDP. Na ZDP atual, a interação relaciona-se a todas as facetas da personalidade e é o que fortalece a ZDP como base de formação de identidade.

Ao se dedicar a resolução de um problema acontecem múltiplas transformações, a apropriação das práticas e instrumentos culturais, se dá numa tripla transformação. Transforma-se quem aprende, pois, o modo de ver e perceber as coisas, e de interpretar e representar o mundo mudam, o que interfere na identidade. Transforma-se o próprio instrumento, pois à medida que é assimilado por diferentes aprendizes, é reconstruído. Transforma-se ainda, a situação, a forma que o aprendiz atua provoca mudanças na prática social, pois os instrumentos são assimilados de diferentes formas e geram diferentes ações/interações. Ao eleger a “metáfora da aprendizagem semiótica” para caracterizar a aprendizagem na escola, Wells (2001, p. 153) quer destacar três aspectos que ele considera serem importantíssimos: deve-se ver a aprendizagem como um desenvolvimento gradual e cumulativo da habilidade mediante a participação em atividades em que nas diferentes disciplinas o conhecimento se constrói, se aplica e se revisa progressivamente;

na aprendizagem os estudantes devem ser ajudados e orientados por outros que participam junto com eles nessas atividades e compartilham as suas habilidades.

Na teoria sociocultural todos os recursos culturais podem ser considerados elementos mediadores (instrumentos) para construção de objetivos coletivos e individuais. Esses instrumentos sejam materiais ou simbólicos devem obedecer a duas condições fundamentais para que possam realizar a sua função mediadora: serem capazes de contribuir para o sucesso dos efeitos desejados na sociedade; e serem usados por alguém que compreenda o significado e o modo como funcionam e suas relações com os objetivos das atividades mediadoras. A eficácia de um instrumento é medida pelo seu uso continuado em situações na vida do aprendiz, a principal tarefa do estudante é identificar onde e como usar os instrumentos mais importantes da cultura, ou seja, aprender a sua importância semiótica. Na aprendizagem semiótica a linguagem tem um papel central e apoia-se nos diversos gêneros orais e escritos como um instrumental capaz de mediar a aprendizagem em todas as áreas do conhecimento (WELLS, 2001).

Wells enfatiza que para a aprendizagem ser realmente genuína os estudantes devem ter a oportunidade de encontrar e dominar os gêneros discursivos específicos de cada disciplina, mediante a uma ampla participação em atividades que requeiram a diversidade de gêneros. É preciso examinar os recursos semióticos que a linguagem oferece nas suas peculiaridades e multiplicidades. Na perspectiva da aprendizagem semiótica, os gêneros sociais discursivos além de serem meios para a construção dos conhecimentos, também permitem ao estudante apropriar-se das práticas e dos instrumentos que pode utilizar para mediar as ações mentais individuais. À medida que o estudante vai dominando novos gêneros de discurso na atividade interpessoal, a atividade intrapessoal se amplia e se transforma, possibilitando-o participar de uma forma mais plena em outras atividades interpessoais, em um ciclo que é ininterrupto.

Essa proposta busca trazer alternativas para preocupações crescentes sobre a questão de ensinar, para a necessidade emergente de reconceitualizar práticas de ensino. Wells (2001) alerta que ensinar exige preparação, instrução e avaliação, um ensino eficaz deve favorecer a construção continuada da ZDP e buscar meios de favorecer a aprendizagem. Além disso, é fundamental estar atento à natureza multifacetada do desenvolvimento e da necessidade de responder as diversidades de culturas e linguagens. Na sociedade contemporânea as mudanças culturais pulsam em um ritmo constante e as tecnologias devem ser aliadas na reconstrução dos modos tradicionais de mediação semiótica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscou-se destacar preceitos teóricos que foram planejados e elaborados para serem aplicados na prática de educadores. O bom senso não permite que

se apresente um quadro teórico como uma panaceia, como declarou Wells (2001, p. 178) “não existe nenhum conjunto de práticas que garantam um êxito universal”. Contudo, o mesmo bom senso guia-nos para identificar aquilo que é positivo e pode gerar resultados positivos. Há um vasto aporte teórico focado em gerar melhorias nos processos de ensino e aprendizagem ainda preso aos livros, pronto para ser posto em prática, por isso a importância de pesquisar, discutir e compartilhar informações.

A ideia que melhor se associa a Letramentos e a Multiletramentos é mudança. Mudanças que não tem ocorrido e não ocorrerão de forma rápida e homogênea, mas que precisam ocorrer. A transição entre uma concepção de cunho tradicional da escrita para uma concepção de cunho social é para Kleiman (2007), a prerrogativa para um ensino que tenha como meta o letramento. Promover o letramento é ensinar práticas, é conceber a leitura e a escrita como práticas discursivas que possuem múltiplas funções e estão inseridas nos contextos em que se desenvolvem. É preocupar-se não apenas com a preparação dos alunos para o desenvolvimento de habilidades específicas de leitura e escrita, mas preocupar-se em articular conhecimento a práticas significativa .

As práticas de letramento exigem agentes de letramento. Entretanto, para assumir a tarefa de ‘agente’, ainda há muitos empecilhos, que acontecem desde a formação do professor nas academias até a incompatibilidade com o currículo escolar. O papel do professor para que sejam dirimidas as fronteiras entre teorias e práticas é exponencial, ao se destacar a aprendizagem semiótica e a importância da mediação não se quer centrar toda a responsabilidade no professor, mas destacar o quanto a sua atuação pode ser importante.

Wells (2001, p. 178) declara que, o ensino assim como a aprendizagem, é um processo contínuo de investigação no qual o conhecimento que se constrói sobre os estudantes e sobre a aprendizagem e a maneira do professor compreender o processo de atuar em sala de aula se transformam continuamente. Porém, essas práticas de investigação não se constroem solitariamente, os diversos gêneros do discurso que mediam essas práticas só adquirem pleno valor dentro de um contexto colaborativo de atividade conjunta. Deste modo, assim como os estudantes, os professores precisam compartilhar com seus colegas maneiras de aprender “a arte de ensinar”.

REFERÊNCIAS

BALTAR, Marcos. LOIO, Milene P. NAIME-MUZA, Letícia. PRILLA, João. **Algumas reflexões acerca dos estudos de letramento e gêneros textuais / discursivos como possibilidades para a formação do professor de língua**. Working papers em linguística, v. 12: 87-99, Florianópolis, jan. jun., 2011.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros Multimodais e Multiletramento. IN: KARWOSKY, Acir Mário. Gaydeczka, Beatriz. BRITO, Karim Siebeneicher. (org) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

GOMES, Neiva Maria Tebaldi; MAGGI, Noeli Reck. **O papel da linguagem na estruturação sociocultural do sujeito**: um diálogo entre estudos de Bakhtin e de Vigotski. *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, ano 14, n. 17, p. 69-86, 2011.

KLEIMAN, Ângela. MATENCIO, Maria de Lourdes M. **Letramento e formação do professor**: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

KLEIMAN, Ângela. **Letramento e suas implicações para o ensino e língua materna**. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

_____. **Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna**. *Linguagem em (Dis) curso – LemD*, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008a.

_____. (org). **Os significados do letramento** – uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008b.

_____. **Projetos de Letramento em Educação Infantil**. *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*, UNITAU, v. 01, n 01, 2009.

SOUSA, Óscar. **Aprender e Ensinar: significados e mediações**. In Teodoro, A. & Vasconcelos, M. L. (org.). *Ensinar e Aprender no Ensino Superior. Por uma epistemologia da curiosidade na Formação Universitária*. (35-60). S. Paulo: Editora Mackenzie Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Gêneros textuais e letramento**. Simpósio Internacional de Estudo de Gêneros Textuais, Caxias do Sul, RS, 2009.

SANTOS, Áurea M. B. **Letramentos & Multiletramentos: formação social e humana para a sociedade contemporânea**. In: FREITAS, Ernani C.; SARAIVA, Juracy A.; HAUBRICH, Gislene F. **Diálogos Interdisciplinares: Cultura, Comunicação e Diversidade no Contexto Contemporâneo** [recurso eletrônico] Novo Hamburgo: Feevale, 2017.

SOARES, MAGDA. **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, 2004a.

_____. **Letramento e escolarização**. In: *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global Editora, 2004b.

_____. **Letramento um tema em três gêneros**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SILVA, Maria Cintra. ALMEIDA, Célia Maria de Castro. FERREIRA, Sueli. **Apropriação Cultural e Mediação Pedagógica**: contribuições de Vigotski na discussão do tema. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 2, p. 219-228, abr./jun. 2011.

STREET, Brian. **Autonomous and ideological models of literacy**: Approaches from new literacy studies. *Current Issues in Comparative Education*. 2003, p. 5. 1-15. Disponível em: http://www.media-anthropology.net/street_newliteracy.pdf (Acesso em 07 de julho de 2016).

_____. **Literacy in theory and practice**. Cambridge, CUP, 1984.

VYGOTSKI, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WELLS, Gordon. Dialogic Learning: Talking our Way into Understanding. In: DRAGONAS, Thalia. GERGEN, Kenneth. MCNAMEE, Sheila. TSELIU, Eleftheria (ed.) **Educational as Social Construction Contributions to Theory Research and Practice**. 2015. Trad. Grupo de Pesquisa CEAMICIM. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/278241897_APRENDIZAGEM_DIALOGICA_o_processo_dos_seres_humanos_de_falar_em_direcao_a_compreensao.

_____. **Indagación dialógica: hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación**. Barcelona: Paidós, 2001.